

O cota Mil foi antes o Cota Três

EUCALIPTOS ADUBADOS

Atraído por Brasília, aonde prometiam vasto campo para pesquisa e realização profissional, chegou em 1960, antes da inauguração, o dr. Sávio Pereira Lima. Prometeram apartamento. Ele ficou num "JK". Prometeram móveis.

Ele teve que roubar colchões do depósito da Novacap, na garagem de um dos ministérios. E aí começou sua luta.

Naquela época, as crianças em setembro ficavam com a pele rachada de tanta secura. Com o vermelho do pó, a pele dos meninos parecia lagoa seca de terra esturricada. Ele resolveu fazer uma campanha de micro-clima.

Em 62, quando o dr. Fábio Rabelo era Secretário da Saúde, ele foi diretor do HDB. Procurou por ordem na casa e melhorar a apresentação. Naquela época, tudo era barro, e não havia asfalto para distinguir as duas entradas atuais do hospital. Não havia um pé de grama plantado. Ele começou a trabalhar, fez amizade com o dr. Stenio Bastos, e ia escolher as árvores no acampamento da Metropolitana, porque naquela época não havia oficialmente o viveiro de hoje. E assim a área ficou arborizada. Quando se pensou em jardim, todas as árvores nativas foram conservadas, e ele brigava por causa disto.

Durante o plantio, ele viu a direção do vento, e pediu ao Zanini algumas mudas do eucalipto argentino. Depois, o eucalipto comum, para melhorar a umidade.

Um detalhe que não sei se devo relatar, é que em 1960, não havia lugar aonde enterrar as placentas das parturientes, e eram todas enterradas no jardim. Ele lembrou disto, e plantou os eucaliptos no mesmo lugar. São os mais belos de Brasília.

Pouco antes de morrer, eu o visitando num quarto do hospital lembrava o episódio, e ele rindo, ficava satisfeito

em ver os galhos dos eucaliptos atingindo a sua janela.

MÉDICOS PARA O HOSPITAL

Quando se fala, hoje, dos médicos de Brasília, faz até raiva à gente, ouvir certas coisas. Pouca gente sabe que um emissário do dr. Ernesto Silva percorreu os hospitais do Rio e São Paulo, arrebanhando médicos e enfermeiras para o Hospital Distrital.

As promessas iam de bons salários a casa, comida, bom apartamento, e tudo o mais de conformto.

Quando veio a primeira equipe, a cidade estava no borbórinho da pré-inauguração. Os bons apartamentos eram JK, de quarto e sala, em superquadra sem nenhuma urbanização. Com as chuvas, os carros teriam que ficar longe, porque nem sempre tinham acesso aos blocos. A lama impedia qualquer aproximação.

No dia da chegada do primeiro escalão, foi-lhes entregue um grupo de apartamentos sem luz, sem água e sem cama. O dr. Sávio Pereira Lima, revoltado, perguntou onde era o almoxarifado do hospital. Não havia, mas o motorista disse que negócio de colchão era com a Novacap. E levou o dr. Sávio até o almoxarifado, que ficava na garagem de um dos ministérios.

Lá, o dr. Sávio teve que assinar uma autorização falsa para requisitar colchões e estrados. Noutro lugar, lençóis e travesseiros.

Depois de tudo isto, foi convocar os próprios companheiros para que cada um levasse seu equipamento ao seu próprio apartamento.

Assim nasceu a equipe médica de Brasília, que ainda hoje guarda a mesma solidariedade.

NASCE O COTA MIL

O Clube Cota Mil tem seu nome retirado da cota máxima do lago, que fica a mil metros acima do nível do mar. Mas sua origem não é tão náutica, como parece. Na verdade, ele é um desmembramento do Clube de Cinema, de

um grupo de pioneiros que se reunia no Brasília Palace, e ocupava no segundo andar a "Sala do Aldo", que o "maitre", com esse nome preparara para as primeiras exhibições de cinema.

Eram Talita de Abreu, Teodoro Bayma, Scarpa, Fausto Favale, Mario Meireles e mais alguns. Dessas reuniões surgiu a idéia de se formar um clube, que depois se transferiu para a sua sede no Lago.

A princípio, era uma pequena casa de madeira, que, com a subida do Lago, ficou dentro d'água. Depois, um movimento do Bayma, Talita e Scarpa, fez o clube crescer e nascer a sede definitiva, que ainda hoje tem apenas um terço construído, com projeto de Sergio Bernardes, que ele hoje abomina, em virtude das decisões de alteração que surgiram da trinca dirigente.

E foi o próprio Sergio Bernardes quem um dia, com raiva, discutindo com Scarpa, Bayma e Talita, meteu a mão na mesa e disse que não trabalhava mais naquele projeto.

- Isto aqui, disse - não é Cota Mil. É Cota Três!

EISENHOWER EM BRASÍLIA

Em fevereiro de 60 a cidade parou uma tarde para ver Eisenhower. O presidente americano que visitaria Brasília naquele dia, não queria vir ao futuro DF, mas o presidente anfitrião forçou a visita, aproveitando a foto propaganda que se desencadearia no exterior. Vieram os precursores. Instalaram uma estação de alcance internacional, e de um dia para outro, o Brasília Palace Hotel se transformou. No teto, antenas monumentais faziam as comunicações com Washington, e, no aeroporto, aviões e mais aviões desciam e subiam trazendo assessores americanos. A pequena embaixada vivia em borbórinho. E hoje, serve em Brasília uma testemunha daqueles dias: o general Moura.

O então major Moura, que servia no Panamá, veio a Brasília servindo de in-

terprete ao Secretário de Imprensa Americano, e aqui viveu momentos de expectativa e experiência.

Na chegada do presidente Eisenhower, o sargento americano que comandava a comunicação no Pentágono, informou que o presidente chegaria com uma hora de diferença. E que normalmente são dois fusos horários entre Brasília e Washington, mas ele queria dizer que estava no horário de verão, e seria apenas uma hora. Entendeu-se que chegaria com uma hora de atraso. A interpretação foi dada errada, e o presidente Juscelino foi à Granja do Torto.

A uma hora em ponto, o avião sobrevoava Brasília, e começou em terra o corre-corre. Cadê o presidente, o homem está chegando. Até que localizaram o presidente Juscelino, e ele rumou para o aeroporto. O avião americano já estava em terra, quando um major da USAF sobe a escada para pedir ao presidente para não descer. O presidente brasileiro não havia chegado. Neste momento, entra a caravana oficial e o presidente Eisenhower se prepara para pisar o solo. O avião parou em posição diferente do esquema, e sobram alguns metros de tapete. Um sargento da FAB teve o expediente e cortou imediatamente a diferença com um canivete. Assim começou uma das mais ilustres visitas à construção de Brasília.

EXEMPLO DO BURESTI

A tarde estava seca demais, e a poeira no nariz da gente formava tijolos. Era uma coisa horrível. A pele quebrava, pela falta de umidade. As madeiras dos barracos estalavam com a temperatura do sol. E foi num dia destes que houve um grande incêndio na Cidade Livre.

Eram por volta das duas horas, e o alvoroço tomou conta de todo o mundo. O serviço de alto falantes do Mercado Diamantina pedia aos berros, que quem tivesse extintor levasse para a

Avenida Central. Um incêndio estava dominando muitos barracos.

E ninguém dava conta de conter o fogo. A brisa da tarde levava as chamas em direção ao posto de gasolina, e logo em seguida havia o depósito de madeiras do Slaviero, onde havia pilhas de tábuas de dez metros de altura.

Houve momentos de pânico, e alguém se lembrou de ir até o acampamento da Camargo Correa, e pedir um trator para fazer um acero. Enquanto o trator se deslocava o fogo devorava tudo, calcinando os bens e apavorando o homem.

Não havia ninguém com calma suficiente para tomar as decisões. Caminhões-pipa das construtoras foram desviados da bica da Candangolândia para o local do incêndio, e nada conseguia deter o fogo.

Com a chegada do trator, Hugo Buresti colocou um caminhão em frente ao seu negócio, retirou o material que pôde, e mandou o trator passar por cima de sua casa.

Com este gesto evitou o que seria a maior catástrofe de Brasília.

MAQUINA NO LAGO

Embora o professor Mauricio Joppert jurasse que o lago de Brasília jamais atingiria a cota determinada, a Novacap não acreditou nisto e providenciou o seu desmatamento. Era uma experiência pioneira no Brasil, e não havia quem fizesse o serviço. Coube à firma do Paulo Wetstein, que recolhia o lixo da cidade, fazer o desmatamento do lago.

Os topógrafos locaram a periferia, e os tratores iam deixando a mancha vermelha, que seria o lugar até onde iriam as águas.

A barragem a toque de caixa, estava quase terminada, e muita mata ainda estava no lugar do lago. Seria um desastre, porque a madeira apodreceria dentro d'água, e ficaria muito mais difícil a limpeza depois.

E o trabalho era dia e noite. A fauna era expulsa a tiro de caçadores, que se

deliciavam com as antas, veados e emas.

E a água subindo. Cada dia mais gente trabalhando, mais máquinas no desmatamento de toda a área, que estava sendo feito com um ano de atraso, por inexperiência.

O lago já tomava corpo, e uma pá mecânica teve uma avaria do motor. Outras vieram para retirá-la do lugar e levá-la para conserto. Não foi possível naquele dia. No dia seguinte ela estava já dentro d'água. Não conseguiram salvar, e aos poucos o lago foi sepultando a máquina.

Ainda hoje está lá, perto do local onde está a Ponte Costa e Silva, e onde ficava o acampamento da firma Paulo Wetstein.

ONIBUS FIADO

Uma das histórias mais interessantes do tempo da construção de Brasília, é que terá sido, talvez, a única do mundo onde se andava de ônibus para pagar no dia seguinte ou no pagamento.

Havia duas empresas, a Alvorada e Meireles. Vinham da Cidade Livre para o Plano Piloto, passando por todos os acampamentos. O trajeto era feito pelo Eixo Central até a altura da 108, onde uma linha entrava à esquerda, e fazia Iapb, Iapetc, Iapi. Outra, entrava pelo lado direito, fazia Ipase e seguia pelos Ministérios. Vila Planalto, Vila Amaury.

Não havia borboleta nos ônibus, deixando de haver, portanto, o controle sobre o número de passageiros. Mas o dono da empresa fazia um cálculo de quantos passageiros-dia teria mais ou menos, e se a percentagem baixava demais, ele demitia o trocador.

Mas os trocadores mais antigos, habituavam-se aos candangos recém-chegados, que ainda não tinham dinheiro. Entendiam a situação, e faziam o transporte fiado, para pagar amanhã, ou quando arranjassem emprego.

Dizem os da época, que eram muitos poucos os calotes.